

Alta de juro inquieta até credores

Paris — Os Estados Unidos, cujas taxas de juros subiram esta semana, a 12,5 por cento, deram um duro golpe nos esforços dos países latino-americanos para pagar sua dívida externa. Em menos de dois meses, as taxas bancárias de juros preferenciais (**Prime Rate**) norte-americanas subiram de 11 para 12,5 por cento, provocando pânico e indignados protestos nas capitais dos países mais endividados do Terceiro Mundo.

A alta de um ponto somente, nas taxas de juros, provoca automaticamente um aumento de 3,5 bilhões de dólares no serviço da dívida externa no Terceiro Mundo, segundo estimativa dos especialistas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Os números são mais altos ainda, segundo previsões feitas por Brasília, onde se anunciou que a **Prime Rate** a 12,5 por cento vai custar cerca de 10 bilhões de dólares aos países endividados.

A inquietação não somente atingiu semaesta semana as nações em desenvolvimento, mas também afetou os meios financeiros de alguns países industrializados. A Bolsa de Londres, por exemplo, terminou a semana com uma forte baixa devido, segundo seus corretores, ao temor de que ocorram novas altas nas taxas de juros não sómente norte-americano, mas também britânicas.

A libra esterlina sofreu o impacto norte-americano e desvalorizou-se em relação ao dólar, o que levou os principais bancos ingleses a elevar suas próprias taxas de juros. O dólar subiu também em relação aos francos frances e suíço e ao marco alemão.

Durante a semana ocorreram

várias intervenções dos bancos centrais europeus nos mercados cambiais do Velho Continente para evitar maiores danos, mas sem dúvida é no Terceiro Mundo que o golpe das taxas assume proporção de tragédia. Os precedentes existem. Como assinalou o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), as altas das taxas de juros no mercado do eurodólar foram culpadas da relação entre o pagamento de juros e o serviço total da dívida externa latino-americana ter aumentado em média de 37 por cento no período de 1975/79 e 48 por cento de 1980 e 52 por cento em 1981.

O reescalonamento das dívidas, as renegociações e as novas dívidas têm apenas evitado a quebra dos principais devedores, uma eventualidade que aterroriza a rede bancária internacional. O novo golpe altista produzido pelos Estados Unidos volta a abrir questão sobre as possibilidades reais que alguns grandes devedores têm para cumprir suas obrigações cada vez mais pesadas.

A alta das taxas de juros, ao elevar o serviço das dívidas, tem um forte efeito desmoralizador para os países que estão realizando políticas de austeridade. As reações das capitais da América Latina parecem indicar um certo cansaço diante do serviço da dívida transformado em "poco sem fundo". Vários governos latinos protestaram oficialmente e em várias capitais foram ouvidas vozes de especialistas e de parlamentares partidários de uma moratória unilateral, para compartilhar com a rede bancária internacional o drama do Terceiro Mundo.